

A estratégia de estudos de caso e a prática da generalização: uma discussão sobre pesquisa e fazer ciência

Magali Natalia Alloatti¹

Introdução

No presente trabalho serão expostos questionamentos e interrogações decorrentes das propostas e enfoques metodológicos e epistemológicos que podem ser reconhecidos na área da pesquisa sociológica e que fazem parte do processo de formação nas ciências sociais. Tal proposta encontra-se diretamente ligada aos interesses de diversas investigações que exigem refletir sobre a natureza e uso da abordagem qualitativa; neste sentido a análise será restringida a um dos variados temas da discussão: os estudos de caso.

Tentando responder à necessidade de pensar a operacionalização das propostas de pesquisa, o questionamento trabalhado intenta refletir sobre quais mecanismos e/ou regras de produção de conhecimento, próprias de um corpus de saber científico, permitem e habilitam que os estudos de caso - valioso pela sua singularidade e estrito em limites espaço-temporais - sejam um saber que possa dialogar, refutar e/ou fortalecer formulações teóricas de alcance explicativo amplo e abrangente. Como segundo elemento, a ideia que atravessa e estrutura a apresentação dos argumentos evidencia a continuidade existente entre os níveis epistemológicos e metodológicos por meio da referência ao diálogo entre as pesquisas empíricas e as teorias nelas utilizadas. Assim, serão incluídas algumas questões referentes à atividade de produção do conhecimento científico.

Sobre a estratégia de estudos de caso e as lógicas de amostragem

A seleção do objeto empírico e a conformação da amostra no estudo qualitativo são questões de intenso debate, visto ser impossível identificar considerações pré-determinadas - produto de um consenso geral - como nos

¹ Mestranda em Sociologia Política, PPGSP/UFSC. E-mail: magialloatti@gmail.com



estudos quantitativos. É claro que isso está além de um mero procedimento, estando alheio à lógica da pesquisa qualitativa na medida em que esta requer uma seleção do “corpus empírico”² a ser observado - ainda que nesse caso seja a totalidade do objeto de estudo construído. Enfatiza-se a importância de explicar estas ideias. Álvaro Pires (2008), em *Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico*, dedica-se a discutir as lógicas de amostragem e a relação particular existente em sua construção a respeito do universo em que serão incluídas as possíveis generalizações. Nesse sentido, o autor define dois tipos de dados: as letras e os números, para identificar os grandes traços de diferenciação entre pesquisa qualitativa e quantitativa. Embora esse seja um dos eixos de discussão mais importante no que refere à sociologia³, Pires estabelece outra diferença que responde o interesse por ele colocado em debate: estruturas de pesquisa fechadas ou convencionais e estruturas abertas ou paradoxais. (Pires, 2008, p. 158 -159)

Tal diferença encontra-se diretamente ligada à problemática da conformação das amostras. No caso das estruturas fechadas, trata-se da lógica convencional, em que se reconhece um universo do qual é inviável dar conta da sua totalidade. Assim, utilizam-se mecanismos por meio dos quais fica estabelecida determinada amostra, respondendo aos interesses centrais da pesquisa e, a partir da qual, levando em conta os cuidados necessários, consegue-se obter conclusões válidas para o universo definido. No caso das pesquisas de estruturas abertas, estas apresentam uma problemática diferente, já que nesse caso “[...] o pesquisador analisa toda a sua população do ponto de vista que lhe interessa” (Pires, 2008, p. 160). Dentro desta lógica, as conclusões ou generalizações passam diretamente do nível de corpus empírico para o nível teórico; conhecido na literatura como generalização analítica ou teórica. Esse tipo de generalização é mais comumente identificada nos estudos de caso, em que o(s) caso(s) escolhido(s) apresenta-se como totalidade ao pesquisador; tanto no estudo de caso único, quanto em estudos de casos múltiplos.

² Retomo essa expressão utilizada por Pires (2008, p.157).

³ Para uma discussão mais ampla sobre a temática ver Bauer e Gaskell (2002, p. 17-36).

Devemos ser cautelosos sobre esse ponto. Admite-se a explanação de Robert Yin (2001) de que os casos devem ser entendidos como unidades de amostragem, experimentos e totalidades que serão compreendidas profundamente. Desta maneira, Yin estabelece que a generalização estatística não seja a mais apropriada nos estudos de caso, independentemente da quantidade que conforma a pesquisa, senão em generalização de segundo nível, em que as conclusões tiradas do estudo podem ser postas em diálogo diretamente com a teoria – e a teoria concorrente. Nas palavras do autor:

Sob tais circunstâncias, o método de generalização é a “generalização analítica”, no qual se utiliza uma teoria previamente desenvolvida como modelo com o qual se devem comparar os resultados empíricos do estudo de caso. Se dois ou mais casos são utilizados para sustentar a mesma teoria, pode-se solicitar uma replicação. Os resultados empíricos podem ser considerados ainda mais fortes se dois ou mais casos sustentam a mesma teoria (Yin, 2001, p. 52-53).

Mencionado isso, a discussão levantada por Pires (2008) poderia ficar fora de lugar, já que não restaria dúvida a respeito da lógica da abordagem qualitativa dos estudos de caso. Ainda assim, o autor levanta uma questão interessante que tem relação com “o acesso” à realidade. Segundo ele, a observação sistemática ao nível empírico implica a idéia de amostragem, na medida em que o estudo da “realidade” procura, no trabalho científico, a necessidade de “ultrapassar a si mesma” (Pires, 2008, p. 163). Em outros termos, Pires tenta defender sua proposição de que a mesma observação da realidade implica uma seleção de aspectos que são - ou devem ser - passíveis de serem deslocados ou trasladados a outros estudos ou níveis teóricos, já que, para o autor, a ênfase está colocada nas possibilidades legítimas de generalização de conhecimento, no diálogo entre a teoria e o material empírico⁴.

Embora existam inúmeras confrontações que possam ser feitas ao argumento de Pires, é conveniente resgatar um aspecto que tem relação com aquela totalidade sobre a qual, a partir da pesquisa, possibilita obter alguns

⁴ Destacando ainda mais a importância da reflexão sobre o diálogo entre a teoria e a pesquisa empírica, Merton (1964, p. 105) enuncia que “[...] la investigación empírica está organizada de manera que si se descubren uniformidades empíricas, éstas tienen consecuencias directas sobre un sistema teórico”.

diferenciais. Assim, o autor, ao refletir sobre a atividade de “construir o objeto de estudo”, na chave analítica de Bourdieu, chama atenção para entender que população é mesmo um conceito e “[...] não uma circunstância natural, e que os contornos deste conceito são dados pelas diferentes finalidades de nossa pesquisa” (Pires, 2008, p. 164).

Portanto, consideramos que a relação entre as possíveis conclusões que possam ser tiradas de determinado estudo de caso como melhor exemplo contraposto à lógica de generalização fechada ou convencional e sua relação com a teoria que está sendo utilizada não é simples nem direta, como talvez possa ser compreendido no argumento de Yin. Por sua vez, implica uma reflexão complexa em termos epistemológicos, como tentaremos demonstrar doravante. Talvez, a melhor forma de expor a interrogação sejam as palavras de Howard Becker:

Poderíamos, levando em conta outra classe de problemas que os cientistas sociais procuram resolver, querer saber que classe de organização seria o tudo do qual a coisa estudada faz parte [...] Retomemos a idéia da amostragem no sentido amplo, como a pergunta do que podemos dizer sobre aquilo que não conseguimos ver, baseando-nos em aquilo que foi visto (Becker, 2009, p. 99 e 105, tradução nossa).

A problemática da generalização: a relação amostra – universo

Entende-se que a discussão não remete somente aos estudos baseados na lógica de acesso ao universo por meio de amostragem única. Compreende-se ainda que no estudo de caso não se considera o corpus empírico como amostra de uma totalidade, uma vez que o ato de generalização analítica e o diálogo – contribuição ou refutação – com a teoria exigem constante reflexão sobre o objeto a ser construído e a capacidade explicativa daquela teoria com a qual se dialoga.

É preciso aqui novamente ter cautela. Segundo Pires (2008), nas pesquisas fechadas ou convencionais utiliza-se uma amostra operacional, isso é, uma lógica que estabelece uma seleção do *corpus* empírico a partir de critérios pré-estabelecidos conjuntamente com mecanismos produtos do consenso. Por sua vez, nas pesquisas abertas ou paradoxais (daí o segundo termo), a amostra não é operacional. “É amostra porque é uma seleção da realidade a ser observada, e não

operacional porque o universo do qual aquela amostra é representativa pode ser mais geral do que o pensado em um primeiro momento”. O exemplo utilizado pelo autor torna mais clara sua ponderação:

Se nosso objetivo é conhecer sobre uma sopa de corações de palmitos, provar seria o meio que temos de saber alguma coisa sobre ela. Assim, a partir de uma amostra dessa sopa, estaríamos em condições de enunciar uma série de proposições em respeito à população da panela (que seria nosso *universo de análise*). O questionamento surge em relação ao chamado *universo geral*, ou seja, todas as sopas de coração de palmito. Eis o ângulo da questão colocada pelo autor “*conceber a amostra e a população como sendo uma relação de universos variáveis e dos projetos variáveis de conhecimento*” (Pires, 2008, p.165, grifo no original).

Desta maneira, o universo de análise corresponderia, na perspectiva de Pires, à noção clássica de população (nível empírico) e universo geral daquele universo ao qual a teoria refere-se. A proposta apresentada pode ser debatida exaustivamente, já que a construção do objeto de pesquisa, como explica Bourdieu, não é realizada e acabada numa única etapa da pesquisa, o que permite que aquela variabilidade de universos – teoricamente referidos - seja considerada dentro do seu desenvolvimento. Mas, na perspectiva adotada, a problemática colocada por Pires (2008) é elemento forte de questionamento à dinâmica do campo científico e vincula-se ao diálogo entre os resultados das pesquisas realizadas e a teoria utilizada. Então, quais são as teorias que serão questionadas ou discutidas, considerando os limites pensados para uma pesquisa? Como se relacionam os universos variáveis e os corpus teóricos - que podem ser questionados - conformados e mantidos dentro do campo científico? São perguntas que emergem a partir da proposta de Pires, consideradas como problemáticas significativas, tendo em vista ampliar o debate além do escopo deste trabalho.

Um dos exemplos esclarecedores que ele utiliza é a análise da pesquisa de Goffman (2008) sobre instituições totais. Segundo Pires, trata-se de uma pesquisa feita a partir da observação participante durante um ano em hospital psiquiátrico, além das análises de outras fontes secundárias, o que dentro da tipologia por ele oferecida seria reconhecida como uma amostra de meio social e institucional por caso único. A questão é interpretar as conclusões que Goffman constrói em referência a um determinado universo. Qual seria o universo então? Aponta-se três

possíveis respostas: I) ele estuda a totalidade do seu universo de análise; II) estuda o manicômio X como uma totalidade que constitui uma amostra dos Estados Unidos, numa época determinada ou, III) compreender o estudo de Goffman como uma pesquisa de estrutura fechada com uma amostra operacional. A questão central em Goffman é exemplar na discussão da fundamentação empírica (limitada?) “[...] de um conhecimento que se dirige diretamente ao nível teórico” (Pires, 2008, p. 174).

Conforme o marco delineado, as propostas de estudo de caso podem tornar-se problemáticas ou questionadas desde a perspectiva das possibilidades de generalizações que podem ser feitas. A defesa epistemológica do estudo de caso é clara: não se procura produzir um conhecimento capaz de ser generalizado, senão quando se trata de compreender da maneira mais profunda possível aquele caso selecionado. Yin (2001) estabelece isso claramente na hora de enunciar os critérios pelos quais é recomendável realizar um estudo de caso único:

Encontra-se um fundamento lógico para um caso único quando ele representa o caso decisivo ao testar uma teoria bem-formulada [...] A teoria especificou um conjunto claro de proposições, assim como as circunstâncias nas quais se acredita que as proposições sejam verdadeiras. Para confirmar, contestar ou estender a teoria, deve existir um caso único, que satisfaça todas as condições para testar a teoria. O caso único pode, então, ser utilizado para se determinar se as proposições de uma teoria são corretas ou se algum outro conjunto alternativo de explicações possa ser mais relevante (Yin, 2001, p. 62).

Depois disso, Yin enuncia mais alguns critérios que fazem do estudo de caso a abordagem mais conveniente dentro da escolha metodológica: sendo um caso raro, extremo ou revelador. Nos três fundamentos enunciados, a singularidade do caso resulta na primeira justificação da sua escolha como corpus empírico e disso decorre o diálogo com a teoria. A tendência enunciada por Yin, Neiman e Quaranta (2007) também reconhece a singularidade do caso como o fundamento básico e primeiro da abordagem e “[...] outorgam prioridade ao conhecimento profundo do caso e suas particularidades, por sobre a generalização dos resultados obtidos (Neiman; Quaranta, 2007, p. 219, tradução nossa). Assim, serão derivados os critérios do desenho metodológico por meio do qual se “acessa” o corpus empírico.

A amostra é intencionada em função dos interesses temáticos e conceituais, e os casos podem ser escolhidos segundo diversos critérios enquanto a formulação metodológica do estudo ou da pesquisa é secundária (Neiman; Quaranta, 2007, p. 219, tradução nossa).

Mas, se não se colocar a ênfase na natureza epistemológica da abordagem de estudo de caso e sim nas possibilidades de contribuição teórica dos estudos realizados desta perspectiva, evidenciar-se-ia o caráter problemático da discussão. Nesse sentido, debates que se pensavam ultrapassados ganham visibilidade à luz de questões ainda caras à sociologia, como a conformação do conhecimento científico, resultado de uma lógica de produção e sistematização de saberes.

Ainda que a lógica dos estudos de caso não procure a generalização dos seus resultados, apresentam-se duas problemáticas de diferentes níveis: 1) no nível empírico, e retomando as palavras de Pires, aquele corpus analisado pertence a um universo geral mais amplo, o qual implica que a observação feita “da realidade” detém implícita seleção ou recorte dessa realidade, em outros termos, o objeto empírico que responde a um objeto teórico construído; 2) Em nível de *campus* de conhecimento, a efetiva construção de um corpus teórico sistematizado de saberes científicos pode resultar em outra problemática, já que se trata de uma lógica que pode ser criticada pelo seu caráter fragmentário. É preciso estabelecer aqui que não se trata de uma crítica à abordagem de estudos de caso, senão um exercício que procura compreender a complexidade da atividade da ciência em uma das suas expressões. Até aqui, espera-se ter conseguido evidenciar a problemática suscitada no presente trabalho, o qual não se atentou em procurar uma resposta, senão sinalizar os aspectos mais preocupantes do tema em questão.

Regras e mecanismos na produção do conhecimento científico.

Tentar-se-á, por último, propor dois caminhos para possíveis análises posteriores, dando continuidade às duas problemáticas mencionadas no parágrafo anterior. Uma das dimensões enuncia que aquele objeto empírico de estudo que foi observado e analisado forma parte de uma “realidade” mais ampla. Ainda que aquela não seja constitutiva do objeto de estudo definido, não pode ser descartada, na medida em que o conhecimento teórico retomado e utilizado possui uma

pretensão explicativa abrangente. Consideramos que uma contribuição conveniente para a discussão foi apresentada há várias décadas por Robert K. Merton (1964) em seu livro *Teorias y estructuras sociales*. Trata-se de uma obra que já foi ultrapassada em vários aspectos, especialmente no que se refere às discussões sobre funcionalismo e as releituras de autores e conceitos clássicos. Mas, uma das suas propostas mantém certa atualidade importante, pois indica aquilo que Merton denomina na sua introdução ao livro como teorias de alcance intermédio⁵. O autor faz referência à utilização da teoria e a diversidade da sua aplicação, entretanto, estabelecendo que por vezes a pretensão dos procedimentos pode obscurecer o conhecimento ao invés de propiciá-lo.

Estabelece ainda uma questão intimamente ligada aos mecanismos do campo científico: fortes expectativas de construções teóricas de caráter abstrato e de extenso alcance explicativo que não contemplam as complicações e conflitos próprios das “*rutinas de investigacion*” – tentando chamar a atenção à dimensão cotidiana das pesquisas. Explana ainda uma tendência que é possível reconhecer dentro do campo: a busca de grandes conjuntos de proposições teóricas que consigam explicar todas as problemáticas que se apresentam às sociedades. São elas que, diante das limitações próprias do conhecimento produzido, tentam atingir consenso e respeito aos vários critérios sobre o saber. Segundo o autor, esse tipo de conhecimento sobre as sociedades contrasta com o estatuto das ciências naturais sobre o grau de *amadurecimiento intelectual*, ou seja, sobre um corpus de conhecimento sistematizado e aceito⁶. Merton (1964) estabelece dois tipos de teorias: as gerais e as especiais, estas últimas dedicadas a ser aplicáveis a campos limitados de dados e articuladas com as gerais, todavia, sem procurar atingir uma arquitetura geral de conhecimento de amplo alcance. Uma questão que não deixa de ser importante é que ele insere seu raciocínio em um horizonte delineado pelos recursos escassos e a necessária orientação deles segundo as prioridades – às vezes urgentes – de conhecimento.

⁵ “[...] teorías intermedias entre las estrechas hipótesis de trabajo que se producen abundantemente durante las diarias rutinas de la investigación, y las amplias especulaciones que abarcan un sistema conceptual dominante del cual se espera que se derive un número muy grande de uniformidades de conducta social empíricamente observadas” (Merton, 1964, p. 16).

⁶ “Debe recordarse que, aun por el repetido testimonio popular, la necesidad es sólo la madre de la invención; el conocimiento socialmente acumulado es su padre” (Merton, 1964 p. 18).

Para completar tal argumento, far-se-á referência às duas dimensões problemáticas referidas acima. O mencionado por Merton (1964) encontra-se mais perto de uma reflexão sobre as dinâmicas de construção e sistematização do conhecimento dentro do campo científico. Nesse sentido, o conhecimento produzido a partir das pesquisas de estudos de caso corresponde às teorias entendidas como especiais, exigindo um olhar diferente sobre a tensão dos resultados obtidos e a estrutura geral do conhecimento científico. Ainda assim, seria preciso também considerar os mecanismos pelos quais determinadas práticas e convenções aceitas pelos sujeitos como critérios legítimos, ou seja, realizar uma análise sociológica sobre o tema. Trata-se de questão altamente polêmica, que compromete noções como verdade, objetividade, hipóteses, entre outras, expressadas em formulações tais como o conceito de *paradigma* de Kuhn e a *refutabilidade* popperiana, que têm promovido grandes debates na filosofia da ciência e na sociologia da ciência⁷.

Acredita-se que uma contribuição apropriada neste momento é aquela feita por Bourdieu, quando coloca que:

A sociologia da ciência se estabelece no postulado de que a verdade do produto – trata-se de aquele produto tão particular como é a verdade científica- baseia-se em condições sociais particulares de produção. Ou seja, mais precisamente em um estado determinado da estrutura e do funcionamento do campo científico (Bourdieu, 2003, p. 11, tradução nossa).

A vantagem da formulação de Bourdieu (2003) sustenta-se em duas questões importantes: permite compreender que o conhecimento científico é produto do campo de interações entre sujeitos e grupos, assim como de relações de poder que respondem conjuntamente a um momento ou situação particular de funcionamento do dito campo. E, em segundo lugar, permite visualizar a complexidade da dinâmica da construção do saber científico que habilita compreender de maneira mais profunda a forte presença de algumas tendências como as mencionadas por Merton ou as tentativas de explicação da filosofia da ciência. Os argumentos citados fazem da noção do conhecimento acumulativo ou

⁷ Para uma discussão das linhas gerais da filosofia da ciência e menções às formulações mais reconhecidas sobre a temática ver capítulos 2, 5 e 6 em Alvez- Mazzotti (1999).

progressivo um processo muito mais complexo, já que coloca em suspenso a univocidade, enfatizando o caráter contextual dos critérios de legitimidade científica. Em outros termos: “Sob os apelos de urgência de uma teoria sociológica, confundem-se, com efeito, a exigência insustentável de uma teoria geral e universal das formações sociais e a exigência inelutável de uma teoria do conhecimento sociológico” (Bourdieu, 1999, p. 43).

Considerações finais

As contribuições de Merton (1964) e Bourdieu (1999) têm como mérito permitir articular os níveis inseridos no debate, habilitando a passagem da reflexão metodológica (como os mecanismos e rigores da abordagem do estudo de caso), até sua contribuição ao corpus teórico, sempre em construção e debate, como próprio do conhecimento científico. A dita passagem faz parte da consideração do campo científico como um espaço onde determinados interesses finais estruturam as atividades, prioridades e critérios na produção do saber. Apresentam-se assim como produto final de um questionamento que no começo deste trabalho colocou como incentivo a ser percorrido, de maneira reflexiva, algumas questões epistemológicas e metodológicas que foram conhecidas por meio de leituras diversas.

Tentou-se realizar duas operações. Por um lado, oferecer uma leitura crítica de diversos aportes bibliográficos sobre a ampla temática da metodologia, destacando controvérsias gerais no que diz respeito às escolhas na hora da pesquisa. Por outro, tentamos reconstruir a discussão metodológica desde o patamar mais concreto – como a lógica de amostragem nas abordagens qualitativas e sua diferença com as quantitativas; assim como as peculiaridades dos estudos de caso frente às possibilidades de generalização; progressivamente até outro patamar mais abstrato, chegando finalmente a uma discussão sobre a lógica de produção de conhecimento científico assim como a natureza dos critérios que o regulam.

Neste caso, foi utilizada uma problemática que permitiu ser desdobrada numa série de questões que atingem a pesquisa: a) a capacidade explicativa dos estudos de caso; b) a observação de parte da “realidade” e as chances de

generalizar o conhecimento produzido; c) a relação entre o *corpus* empírico e a teoria utilizada. Momentos que levam a análise a um nível superior de discussão, vinculada diretamente ao tipo de conhecimento que se produz dentro do campo científico e as regras e mecanismos que o regulam. O objetivo central desse ensaio foi evidenciar a continuidade própria no que diz respeito às discussões metodológicas, em que o resultado é altamente complexo, senão pouco aconselhável, qual seja, isolar um patamar de outro. Destaca-se, por fim, a necessidade de compreender as diferenças entre abordagens; como as implicações –teóricas e epistemológicas - das escolhas que resultam de utilizar determinadas técnicas e a natureza mesma do nosso campo de conhecimento.

Referências bibliográficas

ALVEZ-MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**. Pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1999.

BAUER, Martin e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BECKER, Howard. **Trucos del oficio**. Cómo conducir su investigación en ciencias sociales. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.

BOURDIEU, Pierre et al. **A profissão do sociólogo**. Preliminares epistemológicas. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Los usos sociales de la ciencia**. Por una sociología clínica del campo científico. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Internados**. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

KUHN, Thomas. **La estructura de las revoluciones científicas**. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

MERTON, Robert. **Teoría y estructuras sociales**. México: Fondo de Cultura Económica, 1964.

NEIMAN, Guillermo e QUARANTA, German. Los estudios de caso en la investigación sociológica In: VASILACHIS DE GIALDINO (ed.) **Estrategias en investigación cualitativa**. Buenos Aires: Gedisa, 2007.

PIRES, Álvaro. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, Jean et al (org.) **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis RJ: Vozes, 2008.

POPPER, Karl. **Conjeturas y refutaciones: el desarrollo del conocimiento científico**. España: Paidós Iberica, 1994.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e método**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Resumo

Tentando refletir criticamente sobre a natureza da abordagem qualitativa e os estudos de caso como estratégia particular, o presente trabalho procura analisar as práticas científicas no campo sociológico. Com este objetivo, propõem-se dois caminhos: I) examinar as lógicas de amostragem nos estudos qualitativos, suas potencialidades e limitações e II) discutir a atividade de produção de conhecimento científico necessariamente inserida dentro de um campo específico, com regras que lhe são próprias. O intuito deste trabalho é tentar identificar quais mecanismos e/ou regras de produção de conhecimento científico habilitam que o saber produzido em estudos de caso, com suas características específicas, possa entrar em diálogo, refutar e/ou fortalecer formulações teóricas amplas e abrangentes. Procura-se assim evidenciar, no desenvolvimento mesmo da explanação, a complexidade da articulação dos níveis de conhecimento metodológicos, epistemológicos e teóricos.

Palavras-chave: Abordagem qualitativa; estudo de caso; produção de conhecimento.

Abstract

Trying to reflect critically on the nature of the qualitative approach and focus on the particular strategy of these case studies, this paper attempts to analyze the scientific practice in the field of sociology. For this purpose we propose two methods: I) examine the logic of sampling in qualitative studies, the strengths as well as the limitations II) discuss the production of scientific knowledge, as an activity necessarily inserted in a specific field, with rules of its own. The main purpose of this paper is to identify which mechanisms and/ or rules of production enable the scientific knowledge produced in the case studies, involving its specific characteristics to dialogue, refute and/ or improve comprehensive theoretical formulations. Its aim is to show the complexity of the articulations between methodological, epistemological and theoretical levels.

Key words: qualitative approach; case study; production of knowledge.